

### **A casa onde às vezes regresso é tão distante**

A casa onde às vezes regresso é tão distante  
da que deixei pela manhã  
no mundo  
a água tomou o lugar de tudo  
reúno baldes, estes vasos guardados  
mas chove sem parar há muitos anos

Durmo no mar, durmo ao lado do meu pai  
uma viagem se deu  
entre as mãos e o furor  
uma viagem se deu: a noite abate-se fechada  
sobre o corpo

Tivesse ainda tempo e entregava-te  
o coração

### **A direcção do sangue**

Quando se viaja sozinho  
pelas imagens que perduram  
as evocações ganham um modo tão real  
A mancha ténue dos arbustos  
indica o caminho para o regresso  
que nunca há  
o mar ficou de repente perto  
sobre esta praia travámos lutas  
para as quais só muito depois  
encontramos um motivo  
era à pedrada que nos defendíamos  
do riso mais inocente  
ou de um amor  
Mas aquilo que nunca esquecemos  
deixa de pertencer-nos e nem notamos  
Estamos sós com a noite  
para salvar um coração

## **As casas**

As casas habitadas são belas  
se parecem ainda uma casa vazia  
sem a pretensão de ocupá-las  
tornam-se ténues disposições  
os sinais da nossa presença:  
um livro  
a roupa que chegou da lavanderia  
por arrumar em cima da cama  
o modo como toda a tarde a luz foi  
entregue ao seu silêncio

Em certos dias, nem sabemos porquê  
sentimo-nos estranhamente perto  
daquelas coisas que buscamos muito  
e continuam, no entanto, perdidas  
dentro da nossa casa

## **Monte perdido**

Todo o verão aqueles três  
se passearam por um território de montanhas  
Nada de subidas  
nenhum especial plano ou demora  
No cimo intransponível das paredes  
o mundo era solitário e majestoso  
como a última enguia de um lago

As pessoas que conheciam esperavam ordeiras  
pela grande revelação nas capitais  
ou estacionavam junto do mar  
com olhos muito sonolentos  
vagamente deprimidas por o mar ser aquilo  
Eles nesse verão tinham as montanhas  
um frio que nunca antes sentiram  
pintava-lhes rodas vermelhas no rosto  
Há muitos anos esse sinal quase atraçouu  
diante dos outros  
a primeira mentira e o primeiro amor

No povoado atiram ao ar uma moeda  
e eis por instantes a nossa coroa  
o nosso reino tem de extensão  
o braço de um girassol

mas as montanhas  
as montanhas deslumbraram  
todo esse verão em que partiram  
em busca de uma forma inabalável

## **O fio de um cabelo**

Abandono a casa o horto o lugar à mesa  
o casaco de que gostava, sobre o leito dobrado  
esta verdade quase banal  
que toda a vida fui

Não abro a porta quando batem  
(às vezes batiam só por engano)  
não avalio o balanço das certezas  
o que separa uma forma da outra  
sempre me escapou

Ontem começava a clarear  
o ar frio que vinha dos campos  
julguei-o de passagem e afinal  
era um segredo que meu corpo  
de uma vez por todas contava  
ao meu corpo

Mas quando tombei sobre a terra  
perdido como o fio de um cabelo  
(aqueles que primeiro caem  
da cabeça de um rapaz  
e por não serem notados  
são mais perdidos ainda)  
estavas junto de mim

Lançaste ao fogo cidades  
afogaste os exércitos  
no vermelho mar da sua ira  
hipotecaste terras tão preciosas  
para estares junto de mim

## **Quatro tiros no coração**

Certas manhãs chegava  
esmagado pela luz  
longo, frívolo, ofensivo  
qualquer gesto aludia  
a uma espécie de temor  
a tristeza daqueles que pertencem  
a lugar nenhum

Vivia tudo num instante  
a solidão, os rancores  
as alegrias dos outros  
o silêncio do outono

Nunca o amor tocara o seu corpo  
com a intensidade do medo  
tornou-se parte de um rio  
nem perto, nem longe  
da palavra justa

Ele só pedia  
"não me digam nada"

### **A noite abre meus olhos**

Caminhei sempre para ti sobre o mar encrespado  
na constelação onde os tremoceiros estendem  
rondas de aço e charcos  
no seu extremo azulado

Ferrugens cintilam no mundo,  
atravessei a corrente  
unicamente às escuras  
construí minha casa na duração  
de obscuras línguas de fogo, de lianas, de líquenes

A aurora para a qual todos se voltam  
leva meu barco da porta entreaberta

o amor é uma noite a que se chega só

### **Não Deixeis um Grande Amor**

Aos poucos apercebi-me do modo  
desolado incerto quase eventual  
com que morava em minha casa

assim ele habitou cidades  
desprovidas  
ou os portos levantinos a que  
se ligava apenas por saber  
que nada ali o esperava

assim se reteve nos campos  
dos ciganos sem nunca conseguir  
ser um deles:  
nas suas rixas insanas  
nas danças de navalhas  
na arte de domar a dor

*chegou a ser o melhor  
mas era ainda a criança perdida  
que protesta inocência  
dentro do escuro*

*não será por muito tempo  
assim eu pensava  
e pelas falésias já a solidão  
dele vinha*

*não será por muito tempo  
assim eu pensava  
mas ele sorria e uma a uma  
as evidencias negava*

*por isso vos digo  
não deixeis o vosso grande amor  
refém dos mal-entendidos  
do mundo*

### **A Nossa Maior Crueldade é o Tempo**

*A nossa maior crueldade é o tempo. Como um fabricante de armadilhas desajeitado que acaba sempre prisioneiro das engrenagens que produz, também nós inventamos o tempo e nunca temos tempo. Os nossos relógios nunca dormem. Quantas vezes o tempo é a nossa desculpa para desinvestir da vida, para perpetuar o desencontro que mantemos com ela? Como não temos diante de nós os séculos, renunciamos à audácia de viver plenamente o breve instante.[...]*

### **A Rotina não Basta ao Coração do Homem**

*A rotina começa por ser um esforço de regularidade nos vários planos da existência, esforço que, temos de dizer, é em si positivo. A vida seria impossível se o eliminássemos de todo. As rotinas têm um efeito saudável: tornando o quotidiano um encadeado de situações expectáveis, permitem-nos habitar com confiança o tempo. Mas o que começa por ser bom esconde também um perigo. De repente, a rotina substitui-se à própria vida. Quando tudo se torna óbvio e regulado, deixa de haver lugar para a surpresa. Cada dia é simplesmente igual ao anterior. A nossa viagem passa para as mãos de um piloto automático, que só tem de aplicar, do modo mais maquinal que for capaz, as regras previamente estabelecidas. Os sentidos adormecem. Bem podem os dias ser novos a cada manhã ou o instante abrir-se como um limiar inédito, que nunca os cruzaremos assim. Os nossos olhos sonolentos veem tudo como repetido. [...]*